

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

CINECLUBE:
A EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAR DE UM CINECLUBE

Autor: RAPHAEL R. S. C. CARVALHO
Prof. Orientador Me. Ruggero Ruschioni

São Paulo, setembro de 2012

RESUMO

Este estudo apresenta os elementos que caracterizam um cineclube, apontando suas dificuldades de sobrevivência frente a toda uma indústria que agrega valor e consome apenas o cinema comercial, que tem como objetivo final o lucro e uma reafirmação ideológica e cultural, pois nesse tipo de cinema os filmes são tidos apenas como mercadorias que circulam.

Palavras-chave: Cineclube. Cinema comercial. Dificuldades.

ABSTRACT

This article talks about film clubs and their organization. It centers on its survival strategies in a world dominated by a media industry, whose final goal is profit under a strict ideological and cultural framework. We analyze the distinction between the two different cultural “products” and emphasize the artistic aspect of cinema.

Keywords: Cineclube. Cinema Commercial. Difficulties.

INTRODUÇÃO

Um cineclube é uma associação sem fins lucrativos que estimula seus membros a ver, discutir e refletir sobre cinema, e que se constitui antes de tudo pela vontade e pelo o convívio comunitário, deste modo implica em uma atitude cidadã. A organização burocrática faz parte de um cineclube, pois é uma representação da sociedade civil organizada, possuindo um estatuto uma diretoria e um CNPJ. Pode possuir uma sala própria dotada de características de uma sala de cinema que todos conhecem, ou um local improvisado que pode até mesmo ser uma sala de aula, uma sociedade de amigos do bairro ou mesmo na rua ao ar livre.

A participação democrática impera em um cineclube, pois todos os que participam tratam de suas atividades, e cuidam de sua programação, programação essa que é planejada e montada por uma comissão de pessoas de uma mesma representação social. De maneira geral os filmes que são escolhidos para a exibição não são vinculados em salas de cinemas comerciais ou, em muitos dos casos, por filmes que não se tem acesso nem por meio de locadoras, locadoras estas que

passam hoje por um processo de extinção frente à facilidade proporcionada por toda essa revolução tecnológica.

A opção de se poder frequentar um cineclube proporciona aos seus frequentadores uma reflexão crítica, pois em seu meio são levantadas questões que não seriam tratadas e abordadas por uma indústria cinematográfica que tem o lucro como seu objetivo.

1 CINECLUBE

1.1 Início

Os primeiros registros históricos que marcam o início das atividades cineclubistas são datados do começo da década de 20 na França. Já no Brasil os registros começam em 1929 com o surgimento do Cine Club Chaplin no Rio de Janeiro. Inicialmente o cineclubismo ocupava um papel de grande importância na sociedade e era tido como uma referência. Os cineclubes também promoviam o contato social e se pretendiam críticos quanto a análise de filmes exibidos.

Mas hoje organizar um cineclube parece ser uma tarefa anacrônica e fadada ao fracasso, pois não há motivos para sermos tão ambiciosos. Não que de fato o caráter de um cineclube tenha se alterado, mas sim a sua posição e o seu valor para sociedade com os seus conjuntos de códigos morais se modificaram drasticamente. Inúmeros são os atrativos da indústria cinematográfica dominante que convenceram a grande parcela da população a compactuar do ideal de entretenimento. Essa indústria trata um filme apenas como uma mercadoria a ser vendida e entregue a população, essa nova ética que mercantilizou o cinema tirando todo o seu caráter artístico é apoiada por uma indústria tecnológica que encurtou e facilitou os caminhos para se ter acesso a qualquer tipo de informação.

É possível dizer que essas facilidades alteraram profundamente o modo de se apreciar e consumir cinema e também alteram consideravelmente o circuito comercial. Resta ao cinema de arte liberar-se do peso dos códigos morais que compõem o chamado circuito comercial e encaminhar-se para o circuito alternativo, mas este tem se mostrado cada vez mais restrito.

Por meio de artifícios tecnológicos as pessoas são convidadas a se ausentarem das salas de cinema, pois tem a opção de levarem essas salas para dentro de suas

casas por meio de sofisticados aparelhos de áudio e imagem que reproduzem a sensação de se estar em uma sala de cinema convencional, rompendo assim as barreiras da qualidade de exibição. Outro ponto que tem grande peso na escolha em se ausentar de um espaço público para permanecer no privado é a praticidade, pois o indivíduo pode escolher e ter acesso a qualquer filme por meio da internet ou de canais por assinatura. Mas sem dúvida o fato de se considerar o cinema apenas como entretenimento tem marcado essa ausência e esvaziamento da importância também nos cineclubes.

No caso do cinema comercial essa nova forma de se consumir cinema gerou um impacto negativo na receita dos grandes estúdios de Hollywood, pois seus produtos não são mais consumidos de maneira direta por meio de um único provedor, passam antes por uma espécie de triagem gerada pela tecnologia que possibilita o acesso a seus produtos sem se ter contato direto com o distribuidor oficial, apenas por meio de um simples download.

Deste modo nos encontramos diante de uma grande questão: qual de fato é o caráter verdadeiro do cinema! O cinema verdadeiro deve ser visto e entendido apenas como forma de entretenimento e de proliferação e sustentação ideológica que nos remete a uma espécie de política de “pão e circo”, ou de fato um cinema com caráter artístico que não tem na sua essência a mesma mercantilização implantada nos filmes que compõem o circuito comercial.

1.2 Proposta

Com o intuito de promover e preservar este importante modo de se apreciar cinema de maneira crítica o Centro Universitário Belas Artes criou um cineclube que tinha como foco atender a comunidade em volta ao campus, seus alunos e seus funcionários, oferecendo uma seção semanal que contava com a exibição de um filme seguido de um debate após a sua exibição. Esse debate levantava questões técnicas a respeito da produção do filme, questões referentes à sua temática, sua representação histórica e ainda questões ligadas aos códigos morais em vigor hoje.

O Cineclube Belas Artes foi utilizado como laboratório para esse estudo, pois por meio dele foi possível observar qual o real impacto de se frequentar um cineclube, quais os maiores obstáculos enfrentados para que se possam realizar as sessões,

quais fatores limitavam o número de seus frequentadores e o que também atraía certo número de pessoas a suas sessões.

2 Arte x Entretenimento

2.1 Espetáculos

Por meio de inúmeros canais, informações nos são apresentadas, milhares delas em ritmo vertiginoso em um fluxo tão intenso que pouco se pode reter e selecionar. Portais online são alimentados minuto a minuto relatam todos os fatos do dia minutam as notícias, tudo em prol de uma nova maneira de se relacionar com o tempo, tempo esse que de fato não tem o mesmo peso e medida. O ritmo imposto pelo conjunto de códigos sociais e econômicos impõe a maioria das pessoas uma aceleração progressiva de seus atos tirando-lhes o tempo hábil para se refletir a cerca de qualquer coisa até mesmo como uma simples decisão a respeito de que se comer em uma refeição. Esse ritmo não possibilita com que as pessoas tenham maior autonomia de escolha e sempre aguardam por algo que seja de fácil assimilação e lhes remeta as luzes de um ideal espetacular, um ideal de progresso e de evolução que coloca tudo o que viola essa ética como algo retrógrado e obsoleto. Essa nova sociedade é anunciada por Guy Debord em 1967 como a sociedade do espetáculo, e no presente momento já alçamos as portas do hiper- espetáculo.

Esse espetáculo pode ser visto em todas as ramificações sociais e com certeza o cinema não estaria livre das determinações impostas por todo esse ritmo alucinante. Os filmes que são amplamente difundidos no circuito comercial retratam exatamente esta determinação, propagando esta ideia e coroando-a com o status de verdade absoluta. Os filmes produzidos por essa indústria que se apoia no ideal de consumo imediato refletem isso, pois criam um turbilhão de sensações que fazem com que o espectador não tenha reação e fique completamente estático, maravilhado com o que vê, sem a menor chance de refletir sobre o bombardeio de informações. Sua reação é apenas uma resposta a estímulos que efetivamente o mecanizam.

2.2 Cinema- Arte

Para Kant o trabalho das abelhas não era uma obra de arte, mas sim um efeito da natureza, na medida em que os favos de cera não são construídos em conformidade com um fim.

Deste modo a liberdade pode ser comprovada por meio da arte, e o artístico vem quando encontra-se em si a razão de ser, quando o prazer estético não é em si o fim último da obra, mas sim quando se coloca o valor monetário dissociado da criação.

No caso do cinema comercial, este conceito de arte não se aplica, pois ele se identifica apenas com o valor monetário e os códigos sociais instituídos. O cinema tido como artístico se vale de outra abordagem, na qual o tempo é tratado de outra forma, sem conduzir o espectador a uma cadeia de fatos que se desenrolam em alta velocidade, paralisando o observador diante da tela sem que se tenha tempo de participar da cena. A temática dos filmes também é colocada livre de amarras sociais e pré-julgamentos e de modo algum entregam a primeira vista a que o filme se pretende, exigindo que o conteúdo visual seja de fato deglutido fugindo do automatismo.

3 Dados

3.1 Números

Durante o período de um ano os dados produzidos pelo cineclube foram acompanhados e estudados. No início do segundo semestre de 2011 os números referentes aos frequentadores das sessões foi tido como elevado e correspondeu ao pico de suas atividades, com exibições contando com 30 espectadores. A maioria dos frequentadores das sessões estavam ligados de maneira direta ou indireta com produções áudio visuais ou artísticas, dessa maioria 75% dos frequentadores cursavam comunicação social com habilitação em rádio e TV, esses apontavam que as atividades oferecidas pelo cine clube eram de interesse aos graduandos deste curso tendo em vista que as teorias vistas em sala de aula eram vistas em prática por meio dos filmes, as sessões lhes serviam de laboratório.

Graduandos do curso de comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda frequentadores das sessões correspondiam a 15% dos participantes, alegavam que os filmes os atraíam por servirem de referência para trabalhos práticos. Outros 7% correspondiam a alunos do curso de comunicação social com habilitação em relações públicas, que se diziam atraídos pelo cineclube por oferecer-

lhes um novo bloco de referências. Já os 3% restantes representavam alunos de arquitetura que buscavam por meios dos filmes estabelecerem um diálogo da disciplina com os perfis arquitetônicos demonstrados em alguns filmes.

No correr do primeiro semestre de 2012 o número de frequentadores sofreu uma queda, tendo em média 13 alunos por seção. Os números referentes ao perfil dos frequentadores das seções não se alteraram de maneira muito expressiva, os alunos de rádio e TV passaram a corresponder a 78% dos frequentadores, já os de publicidade e propaganda correspondiam a 12% dos frequentadores, os alunos de relações públicas mantiveram o mesmo percentual de 7% e os graduandos de arquitetura também mantiveram o mesmo número de 3%.

Com a queda do número de frequentadores descobriu-se por meio de uma pesquisa que 67% dos frequentadores deixaram de participar das seções devido ao horário, pois a maioria encontrava-se trabalhando no período da exibição. As seções iniciavam-se às 13 horas todas as segundas-feiras. Também foi possível identificar que 18% dos frequentadores se ausentaram por que encontram meios alternativos de terem acesso aos filmes exibidos, por exemplo por meio da internet ou pirataria. Outros 10% se abstiveram das sessões por causa de outras atividades acadêmicas que eram realizadas durante a hora da exibição, já os outros 5% não apresentaram justificativas pela ausência nas sessões.

3.2 Filmes

No espaço de um ano esse estudo monitorou e acompanhou todas as exibições realizadas pelo cineclube belas artes e também participou do processo de montagem do cronograma do mesmo. Dentre os muitos filmes exibidos nesse período alguns foram pauta para discussões por semanas seguidas, pois estavam ligados a questões morais, sociais e históricas.

Para evidenciar de maneira mais clara esse embate gerado pela exibição de alguns filmes, três deles serão destacados. O primeiro dentre estes filmes se chama: O Cozinheiro, O Ladrão, Sua Mulher e Seu Amante. (The Cook the Thief His Wife & Her Lover) do diretor inglês Peter Greenaway. O filme foi exibido em 22/08/2011, ele que conta a história da esposa de um ladrão, dono de um restaurante de alta cozinha, violento e extremamente rude, que se envolve em um romance secreto com um professor que a trata de maneira gentil, oposta a forma que o marido a tratava. A

esposa traia o marido entre as refeições no restaurante. Código de cores, sexo, assassinato, tortura e canibalismo são temas tratados no filme.

Os temas levantados por esse filme remetem a questões que ferem o código social em vigor, violam os preceitos morais, por esses motivos a sua exibição gerou um grande debate.

Outro filme que aqueceu debates por semanas foi exibido no dia 12/09/2011 o filme chama-se Ichi the Killer (Koroshiya), do diretor Japonês Takashi Miike, esse filme retratava um membro da Yakuza, um assassino psicótico sadomasoquista que sentia prazer extremo na dor. Novamente o filme alimentou vários debates seguidos colocando em foco principalmente a questão da violência e de seu tratamento pornográfico no cinema comercial.

O terceiro filme que chamou muita atenção, e gerou vários debates, foi exibido no dia 26/09/2011, do diretor chileno Alejandro Jodorowsky, o filme Santa Sangre relata a história de um jovem que está confinado a um hospital psiquiátrico e narra através de flashbacks como ele foi traumatizado quando criança no período em que ele e sua família eram artistas de circo. Durante esse tempo ele viu seu pai cortar os braços de sua mãe, uma fanática religiosa e líder da igreja herética de Santa Sangre, depois do ato o Pai comete suicídio. De volta ao presente, ele escapa e se une por sobrevivência à sua mãe. Ela toma os braços do filho emprestados contra sua vontade, e empreende uma campanha terrível de assassinato e vingança.

Este filme em questão abordou de maneira bem clara a relação com o tempo, se valendo de um recurso que foge aos utilizados pelas grandes indústrias do mundo do cinema. Ao contrário da estética usual, que acelera os acontecimentos e mecanizam as pessoas, este filme trata de temas como assassinato e outros tipos de violência de maneira muito mais lenta que o usual, oferecendo tempo hábil para o entendimento do filme. Um filme que sai de fato da esfera do entretenimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter estudado e conhecido as minúcias de um cineclube no período de um ano, e ter presenciado de maneira clara o embate entre o cinema artístico frente às suntuosas produções cinematográficas de uma indústria que trata o cinema como produto altamente rentável colocando a questão financeira como seu fim último, limitando à mero veículo de sustentação ideológica, que apoia uma ética dominante

sustentando uma sociedade dos imediatismos, onde os fluxos seguem em ritmo vertiginoso banindo a reflexão crítica e alterando de maneira profunda a questão do tempo causando verdadeiras fissuras no mesmo, é possível ver que não há muito espaço para iniciativas que fogem a essa ética. Um cineclube é o exemplo perfeito disso, pois em meio a tantos atalhos e atrativos contemporâneos, sua existência chega a ser um ato heroico. No correr desse ano de estudos a cerca das características e implicações de se participar de um cine clube alguns pontos foram tidos como vitais para a sua existência: o primeiro ponto a ser ressaltado é o papel da curadoria, que norteia e estabelece padrões de qualidade, não permitindo que os filmes exibidos compactuem com a ética do mercado em busca de um aumento nos números de frequentadores, uma curadoria bem feita implica na qualidade e na longevidade de um cine clube. Segundo ponto que tem destaque é a periodicidade de exibição, um cine clube deveria manter suas sessões sem que ocorram grandes hiatos. O terceiro ponto faz menção à seriedade do trabalho, pois um cineclube não é de modo algum uma instituição que promove ações recreativas. Essa postura de não oferecer ações de recreação atrai um público fiel que de certo modo possui um interesse de fato, pois ao frequentar um cineclube o indivíduo estará caminhando na direção oposta à da ética em vigor e terá de se empenhar muito mais em prol de uma seção de cinema, notoriamente este público é muito menor do que o da indústria cultural.

Desta maneira não há, ao menos a início, meios de se estabelecer uma comparação dos números gerados por um cineclube com os números apresentados por um cinema que faz parte do circuito comercial. E pensando desta maneira os dados gerados pelo cineclube Belas Artes no período de um ano foram altamente favoráveis, pois apresentaram periodicidade dos frequentadores e mostrou ser uma atividade interessante aos alunos dos cursos de graduação do Centro Universitário Belas Artes.

Iniciativas menores, mas que foram tratadas com a devida importância se tornaram referência e sinônimo de sucesso, como é o caso da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, que iniciou suas atividades em 1977 tendo como mentor o crítico Leon Cakoff, que começou exibindo um único filme no MASP. Hoje após 35 anos de tradição a mostra já conta com mais de 300 filmes exibidos por edição e as exposições ocorrem em diversos lugares de São Paulo. Este que é hoje um sucesso comercial não teria sido possível agora. Se aplicássemos as regras de marketing

atuais às primeiras edições da mostra de São Paulo ela teria sido extinta antes de se tornar um dos eventos culturais mais internacionalmente significativos da cidade de São Paulo.

O imediatismo de resultados é algo inerente à indústria cultural, o que se opõe a esta tendência é a constância. Isto é uma verdade para toda a forma de expressão artística. O cineclube se insere neste âmbito de resistência cultural do qual, paradoxalmente, a própria indústria cultural vai se alimentar mais tarde. A dinâmica de transformar o produto artístico do momento em produto cultural vendável em um futuro próximo se assemelha à relação que existe entre a pesquisa pura e aplicada, no entanto, pelo menos no meio cultural, parece que estamos assistindo a uma morte prematura das expressões artísticas que poderiam compor um futuro mercado cinematográfico. Sintoma disso são as infinitas produções autofágicas de Hollywood, as enésimas versões de Batman e os remakes de filmes clássicos parecem apontar para um sistema cansado cujo maior pecado parece ser ceifar as iniciativas que poderiam sustenta-lo no futuro.

REFERÊNCIAS

- ADORNO T. W. E HORKHEIMER M. **Dialética do Esclarecimento**. São Paulo: Zahar Editor. 1985.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003a. 5 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR6023**: informação e documentação: elaboração: referências. Rio de Janeiro, 2002a. 24 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR6024**: Informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2003c, 3 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR6028**: resumos. Rio de Janeiro, 2003b. 2 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR10520**: informação e documentação: citação em documentos. Rio de Janeiro, 2002b. 7 p.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus. 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar Editor. 2011.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras. 1986.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997.

DEBRAY, R. (1992) **Vida e morte da imagem – As três idades do olhar**. São Paulo: Ed. Vozes. 1993.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis:Vozes. 1977.

ICHI the Killer. Diretor: Takashi Miike. Japan: Omega Project, 2001. 1 DVD.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papirus. 1997.

MARX, K. **“Os Pensadores”**. São Paulo. Ed. Abril. 1978.

O COZINHEIRO, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante. Diretor: Peter Greenaway. France: Allarts Cook, 1989. 1 DVD.

PRETO e Branco e as Cores. Diretor: Jean-Jacques Annaud. France: Reggane Films, 1976. 1 DVD.

SANTA sangue. Diretor: Alejandro Jodorowsky. Italia: Productora Fílmica Real, 1989. 1 DVD.

TAMBÉM os anões começaram. Diretor: Werner Herzog. Germany: Werner Herzog Filmproduktion, 1971. 1 DVD.